

CÉSAR MORTARI BARREIRA

A “NOVA LEITURA DE MARX”: UM MAPEAMENTO DE SUAS PREMISSAS E DESENVOLVIMENTOS

Recebido em 09/02/2022

Aprovado em 13/06/2022

A “NOVA LEITURA DE MARX”: UM MAPEAMENTO DE SUAS PREMISSAS E DESENVOLVIMENTOS¹

Resumo

O artigo tem como objetivo oferecer um mapeamento da chamada “nova leitura de Marx” [*neue Marx-Lektüre*], identificando suas premissas e desenvolvimentos teóricos. Nesse percurso, a centralidade – e retomada – do pensamento de Theodor W. Adorno sugerem uma (re)aproximação entre crítica da economia política e teoria crítica.

Palavras-chave: nova leitura; Marx; Adorno; forma-valor.

CÉSAR MORTARI
BARREIRA

Doutor em Teoria e Filosofia
do Direito pela Universidade
Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).
E-mail: csarmbarreira@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1407-0555>

¹ As traduções das obras inéditas em português são de minha autoria e responsabilidade.

Abstract

The article aims to offer a mapping of the so-called “new reading of Marx” [*neue Marx-Lektüre*], identifying its premises and theoretical developments. In this path, the centrality - and resumption - of Theodor W. Adorno’s thought suggest a (re)raprochement between critique of political economy and critical theory.

Keywords: new reading; Marx; Adorno; value-form.

I. Considerações iniciais

Mais de 150 anos após a publicação da primeira edição de *O capital* (1867), é sintomático perceber como o pensamento de Karl Marx reaparece em cena nos momentos em que a palavra “crise” se impõe. Se em 2008 o *crash* decorrente da crise dos *subprime* impulsionou uma série de questionamentos acerca da presumida autonomia e efetiva destrutividade dos mercados financeiros, a atual crise pandêmica – sugestivamente descrita com a expressão *Corona crash* (BLAKELEY, 2020) – coloca em evidência questões intimamente associadas ao pensamento marxiano: acumulação e crises econômicas; expropriações e devastação ambiental; novas tecnologias e precarização do trabalho; exploração e relações de classe; regimes autoritários e dominação, etc. – pares conceituais cuja unidade de análise pode ser desenvolvida a partir da crítica da economia política.

Isso significa que aqueles que se perguntam pela atualidade de Marx não precisam procurar por muito tempo elementos que a atestem. Esta generalidade, no entanto, pressupõe algo que efetivamente pertence ao universo das particularidades, conformando um mosaico de usos, leituras e exegeses marxistas. Por isso mesmo, a composição desses momentos é, ela mesma, parte de uma pluralidade de sentidos da obra marxiana. Se Marx é novamente tema, os temas que o demandam tornam extremamente difícil um mapeamento das distintas – e não poucas vezes divergentes – interpretações que caracterizam o acolhimento de seus escritos. Essa conjuntura é aprofundada por contínuas dissensões entre marxistas, pela divisão do trabalho entre especialistas, notadamente no âmbito acadêmico, e pelos mais variados interesses que emergem do espaço mundial. Adicionando a propagação de distintas ideias acerca da teoria marxista na mídia e nas redes sociais, o resultado a que chegamos aponta para a existência tanto de uma infinidade de marxismos com algum tipo de apêndice – “não dogmáticos”, “abertos”, “pluralistas” (HEINRICH, 2014 [2005], p. 32) –, como de uma considerável espessura histórica e cultural condicionante de toda e qualquer leitura (BIDET, 2010 [2004], p. 20).

Mas há algo de paradoxal nessa situação. Pois se é notória a departamentação da obra marxiana, uma espécie de recepção temática extremamente diversificada do seu corpo teórico, subsiste no imaginário social algo como “o” marxismo. Por mais que se multipliquem abordagens inovadoras, recentemente traduzidas para o português, permanece uma representação específica, uma espécie de “marxismo como visão de mundo” (HEINRICH, 2018 [2004], p. 23), em que o autor de *O capital* é apresentado como o economista que provou não só a exploração da classe trabalhadora como o colapso do capitalismo e a inevitabilidade da revolução proletária. Isso significa que a retomada da crítica da economia política, apesar de indispensável para a teoria social, tende a deixar desorientados aqueles que até pouco tempo atrás perguntavam pela atualidade de Marx.

Em meio às mais variadas novas leituras de Marx – no plural –, a recepção no Brasil da chamada “nova leitura de Marx” [*neue Marx-Lektüre*] – no singular – é especialmente artilosa. Diante da ausência de traduções (não só para o português, mas também para o inglês) de seus principais representantes e da literatura secundária, resta prejudicada a compreensão das premissas que orientaram seu surgimento, no final da década de 1960, na Alemanha ocidental². Essa situação também dificulta o reconhecimento de seu objeto de estudo e objetivos iniciais e, conseqüentemente, torna nebulosa a compreensão do desenvolvimento de seus debates. Afinal, o que seria a “nova leitura de Marx” (NLM)? O que há de novo nessa leitura e quais são suas contribuições para os debates marxistas? Nas próximas páginas procurarei responder essas questões a partir do seguinte itinerário: contextualização da NLM e, após, apresentação tanto de suas características iniciais – antecedida de alguns comentários acerca da importância de Theodor W. Adorno – como de seus desdobramentos.

² Ainda assim, as reflexões de Ruy Fausto merecem especial atenção. Em 1983 – no tomo I de *Lógica e política* – ele já demonstra ter conhecimento dos debates alemães. Se logo na introdução à primeira edição são citados os trabalhos de Hans-Georg Backhaus (FAUSTO, 2015 [1983], p. 26, n. 10), o texto “Abstração real e contradição: sobre o trabalho abstrato e o valor” faz menção às reflexões de Helmut Reichelt (FAUSTO, 2015, p. 127, n. 149).

2. O contexto da “nova leitura de Marx”

A década de 1960 constitui o contexto histórico a partir do qual surgiram novas leituras de Marx, algo intimamente associado ao processo de globalização teórica e científica. Ainda que a disseminação da teoria marxiana e marxista já estivesse em curso no século XIX, alguns fatores contribuíram para que a segunda metade do século XX caracterizasse um divisor de águas na história desse processo (HOFF, 2009, p. 11). Pense-se, por exemplo, na chamada “desestalinização” da então União Soviética, no surgimento de novos movimentos sociais emancipatórios e revolucionários a partir da Guerra do Vietnã, ou mesmo nos primeiros abalos na crença fordista do Estado de bem-estar social, mecanismo fundante de uma projeção em que a prosperidade perpétua conviveria com uma situação politicamente administrável (ELBE, 2010, p. 30).

Esses elementos propiciaram um ambiente no qual surgiram, nos mais variados países e continentes, diversas leituras inovadoras da obra marxiana, algo como uma resposta à chamada “crise do marxismo” que caracterizava aquele momento. Note-se, no entanto, que essa inovação está longe de possuir características comuns que permitam a identificação de um movimento teórico unitário. Ainda assim, é possível perceber uma espécie de identidade quanto ao ponto de partida, qual seja, a recusa do já mencionado “marxismo como visão de mundo”, também chamado de “o marxismo”, expressão utilizada para caracterizar a recepção dominante – restritiva e ideologizada – de Marx. Segundo Ingo Elbe, seria mais adequado compreender essa “escola marxista” como um “Engelsianismo” (2010, p. 14), notadamente em virtude do papel que os escritos de Engels³ exerceram na formação de gerações de marxistas e antimarxistas.

Trata-se, assim, da rejeição àquilo que poderia ser chamado de guia para a “economia política proletária”, um modelo interpretativo do mundo

³ Destacam-se: a resenha à *Contribuição à crítica da economia política* (1859); o livro *Anti-Dühring* (1878); a inacabada *Dialética da natureza* (1883); o livro *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886) e o suplemento ao Livro III de *O capital* (1894-1895).

baseado em alguns pressupostos: (i) determinismo ontológico que, divulgado como “socialismo científico”, preparou o caminho para a concepção mecanicista e fatalista do materialismo histórico, engendrando uma metafísica da história que se realizaria pela missão providencial do proletariado; (ii) interpretação historicista do método marxiano, vinculando o início do Livro I à pré-história do capitalismo – mais precisamente, ao conceito de “produção simples de mercadorias” –, projetando a “lei do valor” para uma época econômica que teria existido entre 6.000 a.C. e o séc. XV d.C. e, assim, fornecendo as bases de uma (ainda influente) leitura de *O capital* que bane a relevância da conexão mercadoria-valor-dinheiro para a análise do modo de produção capitalista; e (iii) crítica apenas conteudística do Estado, tendo como eixo de análise a vontade da classe capitalista e o uso instrumental que esta faz do aparelho estatal, sem questionar as razões pelas quais o conteúdo de classe adquire a forma de “poder público” (ELBE, 2010, pp. 14-24).

Michael Heinrich também oferece algumas caracterizações desse “marxismo tradicional”⁴, destacando a ausência de atenção a aspectos decisivos da crítica da economia política, tais como a derivação categorial e sua relação com as formas sociais e a análise do fetichismo. Daí o argumento de que o “marxismo popular”, sustentado pelo amálgama de um “economismo rude” e de um “pronunciado determinismo histórico”, cumpria, acima de tudo, um papel de construção de identidade para o movimento dos trabalhadores (HEINRICH, 2018, p. 23). Como se sabe, a partir do fim da Primeira Guerra Mundial começam a surgir outras abordagens

⁴ O uso dessas nomenclaturas exige certa atenção. Elbe identifica “o” marxismo com o “marxismo tradicional”, termo também utilizado por Heinrich. Este, no entanto, procurou captar os significados descritos acima com o referido “marxismo como visão de mundo” [*Weltanschauungsmarxismus* ou *worldview Marxism*], termo consagrado na literatura. Werner Bonefeld, por sua vez, lança mão da expressão “marxismo clássico” para se referir à temática (BONEFELD, 2014, p. 7), conceito igualmente utilizado no artigo de Bellofiore e Riva (2015, p. 24). Bastante discutido no Brasil, Moishe Postone também se vale da expressão “marxismo tradicional”, notadamente para se referir às abordagens que analisam o capitalismo “do ponto de vista do trabalho” (POSTONE, 2014 [1993], p. 21). Mas é importante perceber desde já que Postone inclui no rol de representantes dessas abordagens tradicionais alguns membros da Escola de Frankfurt, em especial Max Horkheimer e Adorno. Longe de significar uma mera anedota, aqui se manifesta uma tensão quanto às premissas teóricas que inicialmente levaram à “nova leitura de Marx”. Como destacarei adiante, isso permite questionar, consequentemente, os critérios para incluir ou não Postone como um de seus representantes.

marxistas críticas ao “marxismo oficial”: pense-se, por exemplo, no “marxismo ocidental” – em que são agregados autores tão divergentes como Karl Korsch, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Horkheimer e Adorno –, e nos trabalhos pioneiros que se dedicaram à discussão das categorias iniciais de *O capital*, tais como valor, forma-valor e trabalho abstrato – momento em que se destacam as reflexões de Isaac Rubin e Eugen Pachukanis, já na década de 1920, e o ainda pouco conhecido debate japonês entre Kozo Uno e Samezo Kuruma na década de 1940.

De todo modo, quando se fala em novas leituras de Marx, deve-se ter em mente o referido ambiente social da década de 1960. É a partir dele que se desenvolvem interpretações de Marx – o operaísmo de Mario Tronti (Itália) e a visão estruturalista de Louis Althusser (França) são alguns exemplos – que rechaçam tanto o marxismo tradicional como o marxismo ocidental (BONEFELD; HEINRICH, 2011, p. 10). Diante desses esclarecimentos, o que se quer dizer com a NLM? Como já destacado, há uma delimitação territorial subjacente ao termo: os debates que ocorreram na Alemanha ocidental no período aqui destacado. Mas não só. Trata-se de um tipo de reflexão que, pelo menos num primeiro momento, possuía características próprias que o diferenciavam de outras abordagens, com premissas teóricas, problematizações e objetivos bem delimitados.

Intermezzo: um precedente fundamental – a teoria social de Adorno

Antes de apresentar os elementos que caracterizam a NLM, convém realçar um aspecto fundamental de sua gênese: a premissa adorniana⁵ presente nos primeiros representantes – mas não só, como será destacado adiante – dessa heterogênea nova recepção da obra marxiana. Ainda que

⁵ Isso não significa que outros autores da chamada “primeira geração” de Frankfurt não sejam importantes. Em um livro em homenagem à Reichelt, os organizadores destacam a “pré-história das ciências sociais” da NLM, com especial destaque para as reflexões de Horkheimer e Friedrich Pollock (KIRCHHOFF; PAHL; ENGEMANN; HECKEL; MAYER, 2004, p. 2, n. 8).

o termo “nova leitura de Marx” só tenha sido utilizado em sentido preciso pela primeira vez por Hans-Georg Backhaus, no prefácio do livro – *Dialética da forma-valor* – que reúne seus escritos (1997, p. 9), essa demarcação só foi possível quando se atenta para um momento anterior, qual seja, a “nova leitura de *O capital*” [*neue Kapital-Lektüre*] (BACKHAUS, 1997, p. 138). O que seria isso?

Como o próprio Backhaus esclarece, tratava-se de um grupo de trabalho que, já em 1964 – no Instituto de Ciência Política da Universidade de Frankfurt –, procurava desenvolver novas leituras dos textos de Marx, em especial *O capital*, a partir de problematizações até então inéditas. Isso permitiu que no ano seguinte – em um seminário de Adorno – fossem abordados temas como o conceito de Estado e sua relação com a forma-valor, além de discussões sobre o sentido da dialética na exposição categorial da crítica da economia política (BACKHAUS, 1997, p. 216, n. 10). Note-se que tais discussões eram compreendidas como uma espécie de “dimensão testamentária” de um futuro projeto de pesquisa de Adorno. Isso se deve ao testemunho que o próprio Adorno oferece após uma conversa (16 de abril de 1965) com Alfred Sohn-Rethel⁶. Nele estão presentes algumas anotações que destacam não apenas a importância do estudo da “constituição das categorias”, mas a sugestiva “necessidade de uma análise enciclopédica sistemática da abstração da troca” (ADORNO, 1989 [1965], pp. 223; 226). Nas palavras de Backhaus, o que estava em jogo nesse momento era a elaboração de uma “teoria da abstração real” (1997, p. 28).

⁶ A noção de “abstração real” desenvolvida por Sohn-Rethel (1989 [1970], p. 12) é fundamental para a NLM, ainda que sua recepção seja extremamente variada. Chris O’Kane oferece tanto uma “pré-história” da abstração real, momento em que se destacam as formulações de Marx, Adorno e Lefebvre, como um levantamento de seus usos na NLM, incluindo Postone, Reichelt e Derek Kerr. O’Kane também destaca o que chama de “novas teorias críticas da abstração”, referindo-se a Werner Bonefeld e Christian Lotz, autores que desenvolvem as formulações anteriores encontradas na NLM (O’KANE, 2020, pp. 265-289). Note-se, no entanto, que o termo “abstração real” na teoria social é originalmente desenvolvido por Georg Simmel – na *Filosofia do dinheiro* (1900) –, autor recuperado por Reichelt em sua nova elaboração de uma teoria da validade do valor (REICHELT, 2008, pp. 126-142), tema aprofundado adiante. No mais, há uma vasta gama de autores que desenvolveram teorias da abstração real – incluindo a dominação racial (BHANDAR; TOSCANO, 2015) e de gênero (ENDNOTES, 2013) nessa temática – a partir do próprio Marx e, recentemente, das reflexões de Alberto Toscano (2008).

Não por acaso, ao analisar as premissas que conduziram à publicação do artigo “Para a dialética da forma-valor” (1969), um texto que apresenta o programa de pesquisa da NLM⁷, Backhaus destaca a importância de dois ciclos de conferências [*Vorlesungen*] de Adorno (“Teoria da sociedade” e “Algumas questões da dialética”⁸) e um ensaio (“Sociologia e pesquisa empírica”). Também exercem um papel fundamental as reflexões extraídas de um seminário de 1962 (“Marx e os conceitos fundamentais da teoria sociológica”), publicadas pela primeira vez como anexo do livro *Dialética da forma-valor* (BACKHAUS, 1997, pp. 505-513). Neste caso, uma reflexão se mostrou incontornável para os debates que se desenvolveram nos anos seguintes: lançando mão do conceito de “tempo de trabalho abstrato socialmente necessário” (ADORNO, 1997 [1962], p. 507), Adorno chama a atenção para a necessidade de destrinchar uma inversão típica da socialização moderna: como aquilo que conduz à troca – as relações sociais – se apresenta como qualidade interna das próprias coisas?

Ainda que a relação de troca seja pré-formada pelas relações de classe – “a dominação de classe está preparada para sobreviver à forma objetiva e anônima de classe” (GS 8, p. 377) –, a mercadoria desaparece enquanto relação social, aparecendo à representação subjetiva como se possuísse um valor em si mesma (ADORNO, 1997 [1962], p. 508). Esse processo não apenas enja os mais variados encantamentos como interfere na clássica tentativa de responder à questão “como é possível a ordem social?”. Por isso mesmo

⁷ Jan Hoff reconhece a importância desse texto de Backhaus, mas sugere o ano de 1967 como marco da NLM. Trata-se de um argumento intimamente associado à relevância de Alfred Schmidt – aluno de Horkheimer –, também destacada na literatura (BELLOFIORE, 2018, pp. 23-30). Mais precisamente, naquele ano foi organizado um evento em comemoração ao centenário da primeira edição de *O capital*. Em sua conferência, Schmidt sustenta que os textos da juventude de Marx só podem ser compreendidos pela crítica da economia política, afastando qualquer ideia de “corte epistemológico”. Segundo Hoff, esses argumentos podem ser entendidos como um “documento de nascimento” da reflexão marxista que começava a surgir na Alemanha ocidental (HOFF, 2009, p. 85). De modo semelhante, Elbe se refere às contribuições de Schmidt como uma espécie de “dobradilha” entre o marxismo ocidental e a NLM (ELBE, 2010, p. 73).

⁸ Essas conferências permaneceram por muito tempo inéditas, até a publicação na seção IV dos *Nachgelassene Schriften* de Adorno pela editora Suhrkamp. A primeira, publicada em 2008 no volume 12, recebeu o nome de *Elementos filosóficos de uma teoria da sociedade*, tendo sido traduzida para o inglês em 2019. A segunda foi publicada recentemente, no volume 11, em dezembro de 2021, com o título *Questões da dialética*.

há uma íntima conexão entre: (i) a apreensão do conceito de sociedade na objetividade social, em que esta é compreendida como “essencialmente determinada pela troca”, isto é, em que a abstração é a “forma específica do processo de troca”, uma forma posta pela troca enquanto pressuposto “que torna possível a própria geração de algo como a socialização” (ADORNO, 2003 [1968], pp. 57-58); e (ii) a “espiritualização da objetividade” (GS 8, p. 247) diante daquilo que “objetivamente aparece” (GS 5, p. 296) – algo característico do racionalismo positivista, tal como analisado por Adorno em “Introdução a Émile Durkheim” –, que tem nas “monstruosidades” que escapam ao procedimento científico uma espécie de retorno reprimido pelas “selvagens especulações” (GS 8, pp. 264; 253).

Como se vê, não é por acaso que Backhaus considere Adorno “o único autor que tematizou o que Marx chamou de ‘ilusão objetiva’ das categorias econômicas” (BACKHAUS, 1992, p. 87). Assim, quando Reichelt caracteriza esse processo como “a gênese desapareceu no resultado” (REICHELTL, 2008, p. 24), ou, então, quando Backhaus associa “crítica” à análise da gênese da autonomização das relações sociais (BACKHAUS, 1997, p. 47), ambos estão percorrendo um caminho aberto pela compreensão da crítica da economia política como “anamnese da gênese” (ADORNO, 1989 [1965], p. 223) das formas sociais autonomizadas: “a sociedade, o que se tornou autônomo, também não continua a ser inteligível; inteligível é apenas a lei de autonomização” (GS 8, p. 296)

Essas referências atestam aquilo que foi sugestivamente chamado de uma “versão genuinamente adorniana da crítica da economia política” (BRAUNSTEIN, 2016 [2011], p. 12). Aqui também poderia ser destacada a importância da “crítica *ad hominem*”. Utilizado no artigo “Sobre a lógica das ciências sociais” – mas igualmente presente em outros textos de Adorno –, o termo *reductio ad hominem* qualifica a inspiração de toda “ilustração crítica” comprometida com a libertação da humanidade do encanto [Bann] que recai sobre as relações humanas na modernidade (GS 8, p. 565). Se a crítica *ad hominem* da economia política é “a desmistificação do valor como uma força econômica suprassensível” (BONEFELD, 2014, p. 62), essa

compreensão está fundada no argumento de que o “mais-valor” seria uma categoria-chave para a teoria social (ADORNO, 1997 [1962], p. 508).

Diante dessas referências, também não chega a ser surpreendente que Backhaus saliente, ao avaliar sua produção acadêmica, que a obra adoniana atravessa seus escritos como um “fio vermelho” (BACKHAUS, 1997, p. 29). Naturalmente, isso não significa que outras circunstâncias – e desenvolvimentos teóricos – não tenham contribuído para a formação da NLM. O próprio Backhaus destaca como o início de seus estudos foram marcados por um “acaso”, qual seja, a descoberta da primeira edição de *O capital* por volta de 1963, na biblioteca de Hermann Brill, um político social-democrata que falecera alguns anos antes. Segundo Backhaus, “já à primeira vista” se manifestavam diferenças categoriais consideráveis entre a primeira (1867) e segunda (1872) edição, notadamente na construção conceitual e na apresentação da teoria do valor⁹ (BACKHAUS, 1997, p. 29). Ainda assim, Reichelt não deixa de notar, citando o próprio Backhaus, que esse “olhar à primeira vista” só poderia ser desenvolvido por alguém que tivesse participado das conferências de Adorno (REICHELT, 2008, p. 11). Por isso mesmo, no significativamente intitulado “Teoria crítica como programa de uma nova leitura de Marx”, Reichelt retoma as ideias mais importantes do “Adorno tardio” para o desenvolvimento dessa nova recepção: (i) autonomização da sociedade, compreendida como totalidade; (ii) unidade dessa totalidade objetiva; (iii) crítica como apresentação das categorias e a (iv) abstração subjacente ao processo de troca (REICHELT, 2008, p. 32)¹⁰.

⁹ Este é um tema clássico na NLM, ainda pouco aprofundado na literatura brasileira. Fausto aparece aqui, novamente, como uma salutar exceção, notadamente ao discutir o conceito de trabalho abstrato – e suas “leituras vulgares” (FAUSTO, 2015, p. 129) – a partir de uma analogia bastante sugestiva utilizada por Marx na edição de 1867 para ilustrar a “forma genérica” [*Gattungsform*] (MEGA, II, 5, p. 37). Resumidamente, as diferenças mencionadas dizem respeito à Seção I do Livro I. Por exemplo: o anexo com a versão popularizada da forma-valor (na primeira edição) foi excluído na segunda edição e grande parte do seu conteúdo passou a integrar o primeiro capítulo da edição de 1872, ao passo que a referida “forma genérica” nunca mais foi retomada, assim como a sugestiva “forma IV” que encerrava a análise da forma-valor no primeiro capítulo do texto de 1867 (MEGA, II, 5, p. 43).

¹⁰ Note-se, no entanto, que a avaliação de Reichelt acerca da contribuição da Teoria Crítica possuía outro tom na década de 1970. Em *Sobre a estrutura lógica do conceito de capital* em Karl Marx, ela é criticada por não ter “contribuído com nada de essencial para elucidar a dialética em *O capital*”, de tal modo que uma “teoria dialética” seria apenas um “programa” de pesquisa quase positivista (REICHELT, 1970, p. 17).

Esse “legado de Adorno” (BELLOFIORE; RIVA, 2015, p. 25) é fundamental para compreender o argumento de Bonefeld, para quem a *Dialética negativa* (1966) ofereceu tanto o “catalisador teórico” como o incentivo e o *insight* para o desenvolvimento da crítica da economia política como teoria social crítica no âmbito da NLM (BONEFELD, 2014, p. 4). Se esta gradativamente se transformou num campo bastante heterogêneo, a sugestiva “Escola de Frankfurt da nova leitura de Marx” – cujo princípio seria marcado pela “auto-suprassunção da orientação à crítica cultural da teoria crítica clássica” (ELBE, 2010, pp. 67-68) – fornece um critério inicial para identificar seus primeiros representantes¹¹. Nesse sentido, Hoff compreende Backhaus e Reichelt como os membros mais antigos dessa tradição frankfurtiana. Já Helmut Brentel e Diethard Behrens pertenceriam a uma geração intermediária de pesquisadores. Por fim, Nadja Rakowitz representaria a geração mais jovem (HOFF, 2009, p. 202). É certo que esses autores, assim como outros geralmente incluídos na NLM, como o já citado Heinrich, além de Elbe, Postone e o próprio Bonefeld, possuem diferenças consideráveis. Ainda assim, a ideia de que a forma-valor e a forma-dinheiro seriam os “bens mais sagrados” da teoria crítica – termos utilizados por Adorno pouco antes de sua morte (REICHELT, 2008, p. 39) – constitui uma avaliação cujos desenvolvimentos distinguiriam as discussões das décadas seguintes¹².

¹¹ Christopher Arthur, por exemplo, faz o seguinte comentário: “o interessante em Backhaus é que ele vem da escola da *teoria crítica* de Frankfurt. [...] Para ele, a teoria do valor não tem por objetivo derivar os preços – uma perda de tempo –, mas criticar esta forma-valor como um aparato invertido insano de alienação e fetichismo. Muito deste livro [*A nova dialética e O capital de Marx*] desenvolve intuições desse tipo” (ARTHUR, 2016 [2004], p. 26). Note-se, no entanto, que a “Nova Dialética” – ou “Dialética Sistemática” – não se confunde com a NLM. O termo foi cunhado por Arthur e procura designar algumas abordagens comuns que, no entanto, não chegam a constituir uma escola. De modo geral, o objetivo de seus representantes é repensar e reconstruir a relação entre Marx e Hegel a partir de uma reavaliação do último, notadamente a partir de reinterpretções da *Lógica* – no caso de Arthur, com o argumento acerca da “homologia” entre a estrutura da *Lógica* e *O capital* de Marx (2016, p. 20).

¹² Ainda que isso não seja mencionado na literatura. Tal como sugerido por Elbe: “esta linhagem desde Adorno passando por Alfred Schmidt até Reichelt e Backhaus não é mencionada de forma alguma nas panorâmicas clássicas da Escola de Frankfurt, como as de Martin Jay, Rolf Wiggershaus, ou mesmo nos trabalhos mais recentes sobre o desenvolvimento da Escola de Frankfurt, como o de Alex Demirovic” (ELBE, 2018, p. 368).

3. Características iniciais da “nova leitura de Marx”

Pode-se dizer que a NLM possui algumas características gerais. Reconhecendo a importância de abordagens anteriores¹³ – como as de Rubin sobre trabalho abstrato e, especialmente, o estudo de Roman Rosdolsky a propósito dos *Grundrisse*¹⁴ –, seu paradigma gira em torno da crítica à chamada “economia política socialista”. Isso significa que seus representantes rechaçam a redução da análise marxiana às questões distributivas de uma riqueza cuja forma e qualidade social não eram debatidas em profundidade (ELBE, 2010, p. 31). Consequentemente, as discussões iniciais tinham como objeto de estudo temas como: a exposição lógica e histórica do modo de produção capitalista e sua relação; as variações da análise da forma-valor encontradas nos textos de Marx¹⁵ e os problemas que isso levantava para o argumento – bastante difundido – de que *O capital* seria uma obra completa e acabada, além da importância dos manuscritos econômicos anteriores como chave de acesso para a compreensão da crítica da economia política.

¹³ Aqui não é possível aprofundar a influência do estruturalismo althusseriano na NLM. Se ambos acentuam a importância do “Marx maduro”, não são poucas as divergências entre suas premissas e desenvolvimentos. De modo geral, os autores vinculados à NLM não aceitam nem desenvolvem qualquer “corte epistemológico” na obra marxiana – como já destacado – e, ao se deterem nas variações da Seção I do Livro I ao longo das edições de *O capital*, aprofundam aquela temática que constitui um dos pontos cegos mais graves de Althusser. Este, ainda assim, exerce um papel importante na reflexão de Heinrich acerca do “campo teórico” que Marx teria inaugurado (HEINRICH, 2017 [1999], p. 17). Em Bonefeld, por outro lado, encontra-se uma crítica severa ao estruturalismo de Althusser e à redução da crítica da economia política ao estudo do modo de funcionamento de (supostas) leis econômicas gerais (BONEFELD, 2014, pp. 28-35). Nesse contexto, Elbe oferece uma exposição detalhada sobre as contribuições de Althusser e Jacques Rancière para a NLM (ELBE, 2010, pp. 48-66).

¹⁴ Mesmo que considere importante não exagerar o “parentesco” entre os *Grundrisse* e *O capital*, Rosdolsky acreditava ter “encontrado, pois, nas categorias de ‘capital em geral’ e de ‘pluralidade de capitais’ (ou seja, da concorrência) a chave para compreender não só os *Grundrisse* mas também *O capital*” (ROSDOLSKY, 2001 [1968], p. 56). Essa perspectiva terá um peso enorme nas primeiras formulações da NLM.

¹⁵ Existem ao menos seis exposições da forma-valor, todas diferentes: (i) a primeira, tal como aparece em *Para a crítica da economia política* (1859); (ii) a segunda, na primeira edição do Livro I de *O capital* (1867); (iii) a terceira, na versão popularizada, incluída como anexo à primeira edição do Livro I; (iv) a quarta, igualmente divergente das anteriores, na segunda edição do Livro I de *O capital* (1872); (v) uma quinta exposição na tradução francesa do Livro I (1873-1875), revisada e corrigida pelo próprio Marx e (vi) a sexta, encontrada na terceira (1883) e quarta (1890) edições, que inclui alterações da edição francesa, realizadas por Engels. Além disso, é fundamental atentar para a auto-crítica feita por Marx em *Complementos e alterações à primeira edição*, texto publicado pela primeira vez pela MEGA 2, apenas em 1987. Daí a importância da hercúlea organização feita por Thomas Kuczynski (2017) da nova redação do Livro I a partir dessas diferenças.

Somem-se a isso as controvérsias que surgiram a partir da análise de duas cartas escritas a Engels: na primeira (16 de janeiro de 1858), Marx reconhece que a elaboração do método de apresentação de seus estudos foi facilitada pela releitura de algumas passagens da *Lógica* de Hegel (MEW, 29, p. 260); na segunda (9 de dezembro de 1861), Marx diz que sua publicação anterior – *Para a crítica da economia política* (1859) – continha argumentos que foram “popularizados”, algo que também acontecerá alguns anos depois na análise da teoria do valor¹⁶, além de confidenciar que “o método está muito mais escondido” (MEW, 30, p. 207). Diante dessas “provas”, o resultado parecia quase evidente: no contexto da Alemanha Ocidental no início da década de 1970, acreditava-se que os problemas existentes na literatura marxista poderiam ser solucionados mediante uma reavaliação da relação Marx-Hegel e da reconstrução do método marxiano, tarefa que seria levada a cabo principalmente pelo estudo dos *Grundrisse* e do *Urtext*¹⁷.

Aqui se manifesta o *leitmotiv* que caracteriza os primeiros trabalhos da NLM: a tarefa de reconstruir e, assim, revelar algo como “o” verdadeiro sentido da crítica da economia política. Tal como resumido por Elbe, no âmbito teórico isso significou um triplo abandono: (i) da concepção substancialista do valor, como se este fosse uma qualidade interna e independente das mercadorias; (ii) das análises teórico-manipuladoras do Estado; e (iii) da vinculação da crítica da economia política ao movimento dos trabalhadores (ELBE, 2010, pp. 31-32). De modo similar, Hoff salienta três aspectos desse período: (i) o distanciamento crítico da interpretação de Marx feita pela ortodoxia marxista-leninista, e/ou da compreensão de Engels da

¹⁶ No prefácio à primeira edição (1867), logo após admitir ter popularizado a análise da substância do valor e da grandeza do valor, Marx destacava o seguinte ponto: “diferentemente é o que ocorre com a análise da forma-valor. Ela é de difícil compreensão, porque a dialética é muito mais precisa que em sua primeira exposição. Portanto, aconselho o leitor não familiarizado ao pensamento dialético a pular a seção da p. 15 até o final da p. 34, e a ler o anexo “A forma-valor” incorporado ao livro” (MEGA, II. 5, p. 11-12). A partir da segunda edição (1872), a análise da forma-valor também é “popularizada”, uma vez que o conteúdo da Seção I passa a ser o mesmo da versão anteriormente oferecida no anexo. Como já destacado, com isso se perde a exposição da “forma genérica” e da “forma IV” presentes na primeira edição.

¹⁷ Literalmente, “texto original”, escrito em 1858 e publicado pela primeira vez em 1941, como anexo dos *Grundrisse* (1857/58).

crítica marxista à economia política; (ii’), a insistência na interconexão específica entre a teoria do valor e a teoria do dinheiro em Marx, o que levará à chamada “teoria monetária do valor”¹⁸; e (iii’) a pesquisa sobre a interconexão específica entre a esfera da circulação simples de mercadorias – categoria que desaparece na interpretação engelsiana da “produção simples de mercadorias” – e a acumulação do capital (HOFF, 2009, p. 202).

Como já destacado, o artigo de Backhaus – “Para a dialética da forma-valor” (1969) – é um exemplo paradigmático do então emergente programa de pesquisa que se delineava. Além de criticar a transformação/inversão da crítica da economia política em “economia”, com suas análises quantitativas e métodos matemáticos – como se as categorias valor, preço e juros, por exemplo, disputadas com outras correntes teóricas, não fossem, elas mesmas, expressões fetichizadas –, algo especialmente ressuscitado em algumas abordagens marxistas após a crise de 2008¹⁹, Backhaus não deixa dúvidas acerca do objetivo que a investigação filológica deveria buscar: “resta, portanto, um *desideratum* urgente da pesquisa marxista em reconstruir por inteiro a teoria do valor (BACKHAUS, 1997, p. 42).

É neste contexto que se inserem o livro de Reichelt – *Sobre a estrutura lógica do conceito de capital* (1970) – e os trabalhos de Backhaus reunidos nos *Materiais para a reconstrução da teoria marxiana do valor*, partes I (1974) e II (1975). Daí argumentos como: “a derivação das categorias só é possível a partir de um caminho, o ‘ir além de si mesmo imanente’, como diz Hegel, e esse é o método dialético em *O capital*” (REICHELTL, 1970, p. 16); “a teoria marxista do valor teve que bloquear a compreensão da teoria marxiana do

¹⁸ Backhaus sustenta que a teoria marxiana do valor deve ser concebida como uma “crítica às teorias pré-monetárias do valor” (1997, p. 94), disso derivando a compreensão da crítica da economia política como “teoria monetária do valor”.

¹⁹ Note-se a atualidade do diagnóstico apresentado em 1967 diante de algo que poderia ser chamado de “marxismo de dados” [*data marxism*]: “se na discussão em comemoração aos cem anos de *O capital* a economia quase não tomou conhecimento de seu subtítulo – crítica da economia política no sentido de uma “crítica das categorias econômicas” –, isso se deve obviamente ao fato de que a grande maioria dos economistas têm evitado e evita – assim como o Diabo foge da cruz – o tema central desta crítica, qual seja, o caráter fetichista das categorias econômicas” (BACKHAUS, 1997, p. 34).

valor” (BACKHAUS, 1997, p. 69, grifos no original); “a teoria *marxista* do valor ficou presa ao terreno da teoria *pré-marxiana*” (1997, p. 74, grifos no original); “o texto de Marx é, em si mesmo, incompreensível e, na melhor das hipóteses, acessível somente à filologia especializada de Marx” (1997, p. 70).

Essas investigações metodológicas a partir da retomada da forma-valor serviram como pano de fundo para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas sobre fenômenos tidos como “não econômicos”, tais como a forma política do Estado moderno²⁰ e o sentido da compreensão científica (KIRCHHOFF; PAHL; ENGEMANN; HECKEL; MAYER, 2004, p. 4). Mas as expectativas em relação ao sucesso da empreitada reconstrutiva passam a sofrer alterações já na década de 1970. Na parte III dos *Materiais* (1978), Backhaus faz uma autocrítica em relação aos seus primeiros escritos. Diferentemente de momentos anteriores, agora ele admite que existe “uma incerteza da parte de Marx sobre a origem e validade dos termos que ele usa”. Consequentemente, seria necessário “rever fundamentalmente o conceito de ‘reconstrução’ subjacente às duas primeiras partes dos *Materiais*” (BACKHAUS, 1997, p. 132). Note-se – e isso será fundamental – que é o próprio estatuto da crítica da economia política que passa a ser questionado.

Por isso Backhaus chega a considerar sua interpretação lógica como uma “simplificação injustificável”, de tal modo que “apenas o reconhecimento de certas ambiguidades [*Zweideutigkeiten*] transmite uma imagem adequada da teoria marxiana do valor” (BACKHAUS, 1997, p. 133). Uma vez que “o próprio texto marxiano dá motivos para argumentar com Marx contra qualquer interpretação marxista e, finalmente, também *com Marx contra Marx*” (1997, p. 139, grifos no original), o canto do cisne da busca pela coerência interna via análise lógica – o suposto núcleo metodológico escondido da exposição da crítica da economia política – evidencia-se quando Backhaus passa a considerar seus anseios iniciais como uma “pretensão

²⁰ A “teoria derivacionista do Estado” – cujos origem e desenvolvimentos foram apresentados sistematicamente por Elbe (2010, pp. 319-443) –, apesar de suas inúmeras variações, tem suas raízes aqui.

ingênua” (1997, p. 220, n. 32)²¹. Assim, antes da década de 1980, Backhaus já considera necessário relativizar a tese da reconstrução²², “transformando-a apenas em uma interpretação” (1997, p. 155) que deveria buscar um novo modo de relacionar lógica e história²³.

Como se vê, se a NLM procurou afastar a teoria marxista dos dogmatismos então existentes, isso não a impediu de correr o risco de se aprisionar em uma nova ortodoxia – a reconstrução metodológica (supostamente) acessível pela filologia. Ainda assim, sua contribuição inicial foi de extrema relevância, notadamente ao propor: a importância da análise lógica de *O capital* e sua vinculação à necessidade de reconsiderar a dialética em Marx e Hegel; o afastamento da interpretação historicista da Seção I do Livro I e, mediante o auxílio de textos como o *Urtext* e os *Grundrisse*, o destaque à ordem de sua exposição categorial no âmbito da “circulação simples de mercadorias”; o imbricamento entre valor e dinheiro, a referida teoria monetária do valor, e sua conexão com a análise do fetichismo – temas que alicerçaram as bases para o desenvolvimento e aprofundamento de novos estudos.

4. Desdobramentos da “nova leitura de Marx”

Escrevendo no início da década de 1990, Heinrich pôde retrospectivamente avaliar as vicissitudes da NLM, em especial o pressuposto de que existiria,

²¹ É neste contexto que se inserem as críticas de Robert Kurz à NLM. Mas deve-se ter em mente que as análises desse autor (e, de modo geral, do grupo *Krisis*, além dos autores posteriormente vinculados à revista *Exit!*) não se confundem com aquelas desenvolvidas na NLM. Por isso, Kurz explicitamente situa a “crítica do valor” – posteriormente chamada de “valor-cisão”, após as contribuições de Roswitha Scholz – como uma “terceira posição” diante da NLM e da ortodoxia marxista (2012, p. 8).

²² Essa postura também significa que Engels já não pode mais aparecer como um detrator de Marx, uma compreensão bastante difundida entre autores da NLM. O próprio Backhaus chega a dizer que “se as interpretações de Engels fossem seguidas, as montanhas da dialética de Marx teriam dado à luz a nada mais do que um rato” (1997, p. 112). Tal reavaliação da importância de Engels se dá no âmbito da recente difusão de uma “nova leitura de Engels” (KANGAL, 2020, pp. 1-2).

²³ Deve-se ter em mente que o giro comunicativo na teoria social alemã – a partir das contribuições de Jürgen Habermas – passa por essa reavaliação do ímpeto reconstrutivista. Em *Teoria do agir comunicativo* (1981), Habermas cita Backhaus e Reichelt para salientar as dificuldades que esses autores tiveram no tratamento da relação entre *O capital* de Marx e a *Lógica* de Hegel e afirma: “por isso não entrarei em mais detalhes sobre a análise formal” (HABERMAS, 1981, pp. 476-477).

nos diversos textos marxianos, um discurso unitário e correto que, por sua vez, permitiria uma reconstrução apta a tanto afastar as interpretações equivocadas da teoria marxiana como reverter seu processo de popularização (HEINRICH, 2017, p. 16). Essa hipótese tinha como corolário a expectativa de que *O capital* seria a “obra final”, isto é, como se os manuscritos que compõem o projeto da crítica da economia política seguissem uma linha qualitativa ascendente, culminando na melhor e definitiva versão, uma expectativa defraudada frequentemente pela publicação da MEGA 2²⁴.

É justamente esse trabalho editorial que contribuiu para a emergência de outras abordagens no âmbito da NLM. Mas isso não deve ser compreendido como uma ruptura em relação aos trabalhos anteriores. Pense-se, por exemplo, no tema da dialética em Marx e Hegel. Em 1979, Dieter Wolf publica seu estudo sobre a relação entre *A fenomenologia do espírito* e a exposição das categorias em *O capital*, renovando a discussão sobre dialética materialista e idealista (WOLF, 1979, p. 8). No ano seguinte, Gerhard Göhler lança a polêmica tese da “redução dialética” que caracterizaria *O capital*, quando comparada com a “dialética enfática” que estruturaria a análise do dinheiro em *Para a crítica da economia política*. Tal “redução” significaria um afastamento de Hegel, tornando necessário aquilo que chamou de “reconstrução genética” (GÖHLER, 1980, p. 125). Alguns anos depois, o mesmo Wolf participará desse debate criticando os argumentos de Göhler (WOLF, 2002 [1985], p. 224), uma postura que também pode ser encontrada em Brentel, quando este extensivamente rebate os argumentos que fundamentam a “redução dialética” a partir de uma releitura dos textos marxianos (BRENTTEL, 1989, pp. 347-356).

²⁴ Carl-Erich Vollgraf sintetiza essa questão do seguinte modo: “a publicação dos manuscritos de pesquisa de Marx revela que seu trabalho sobre *O capital* não foi um processo linearmente ascendente de aquisição de conhecimento. [...] Em vez disso, a obra de Marx é muito mais um processo atribulado de avanços e estagnação na compreensão, de formação de novos conceitos e abandono de planos (cf. a noção descartada de ‘capital em geral’), de progresso textual e de versões que são destruídas, de tomar partido e recuar (cf. o envolvimento de Marx no debate sobre o esgotamento do solo)” (VOLLGRAF, 2018, p. 66).

Uma revisita à tentativa de reconstrução lógica da crítica marxiana é, aliás, a marca distintiva das reflexões de Brentel. Ele não apenas propõe a unidade entre objeto, forma e fetiche, como vincula seus esforços à reconstrução da crítica marxiana, compreendida “como teoria da constituição da objetividade econômico-social, como teoria da forma de trabalho e como teoria crítica da reprodução” (BRENTTEL, 1989, p. 11). Por isso mesmo, Brentel não aceita a mudança de postura de Backhaus citada anteriormente²⁵, argumentando que a procura por um novo método lógico-histórico significaria uma “recaída no relativismo metodológico” (1989, p. 357). Uma vez que “o histórico funciona sistematicamente como uma estratégia negativa de prova da especificidade das formas burguesas, como prova negativa do lógico” (1989, p. 364), Brentel atribui o argumento da ambivalência entre o lógico e o histórico na análise da forma-valor às interpretações de Marx, algo que não seria observável no aparato conceitual marxiano.

Ainda assim, os próximos anos serão caracterizados pela profícua discussão da tese de Heinrich acerca das “ambivalências” [*Ambivalenz*], notadamente a partir da publicação de *A ciência do valor* (em 1991, com uma versão revista e aprofundada em 1999). Note-se, no entanto, que aqui se manifesta um deslocamento importante em relação aos trabalhos de Brentel, Reichelt e Backhaus. Como sugestivamente colocado por Bellofiore, Heinrich opera uma espécie de “torção” na NLM (BELLOFIORE, 2018, p. 13)²⁶. Isso ocorre em razão do afastamento de toda e qualquer tentativa de “reconstrução”, já que Heinrich problematiza a existência de uma teoria marxiana consistente e correta, como já destacado. Distante das tentativas de “decifrar”

²⁵ Naturalmente, Backhaus continuou sua agenda de pesquisa, cada vez mais voltada à “constituição” do valor e aos conceitos macroeconômicos presentes na “ciência econômica” que, apesar de procurarem explicar a realidade social, continuamente se deparam com as já mencionadas “monstruosidades” conceituais (BACKHAUS, 2002). Daí sua análise do “enigma do dinheiro” (BACKHAUS, 1985) e sua relação com a “objetividade do valor” nos primeiros capítulos de *O capital* (BACKHAUS, 1987). Essas reflexões o levaram à discussão do conceito de crítica em Marx e na teoria crítica, ensejando uma teoria da constituição do capitalismo enquanto estrutura objetiva produzida pela ação dos indivíduos, mas, ainda assim, independente destes (BACKHAUS, 2000). Esses textos estão agora compilados em *Marx, Adorno e a crítica da teoria econômica* (BACKHAUS, 2013).

²⁶ Ainda que o próprio Heinrich explicitamente vincule seus trabalhos – *A ciência do valor* (1999) e *Crítica da economia política: uma introdução* (2004) – à NLM (HEINRICH, 2018, p. 26, n. 2).

O capital pelos *Grundrisse*²⁷, Heinrich salienta que Marx não propôs apenas uma nova teoria, mas uma “revolução científica” que abriu um campo teórico radicalmente novo (HEINRICH, 2017, p. 17).

O problema é que esse novo campo científico vislumbrado por Marx abrigaria não só um discurso inovador – a crítica da economia política –, mas também um aprimoramento do discurso clássico – a economia política crítica. Nesse contexto, o relevante não é sustentar o caráter deficitário da autorreflexão de Marx, mas que

o seu próprio desenvolvimento categorial permanece ambivalente em pontos decisivos. [...] Os elementos do discurso clássico estão bastante integrados no novo terreno [da crítica da economia política]; eles já infectam as categorias básicas e geram problemas específicos (HEINRICH, 2017, p. 17, grifos no original).

Ainda que as ambivalências sejam compreendidas como uma consequência de toda revolução científica que tenta “criar uma nova disciplina teórica com base na crítica de um sistema de pensamento estabelecido” (SOTIROPOULOS; MILIOS; LAPATSIORAS, 2013, p. 46), seria necessário romper definitivamente com os fundamentos – a-historicismo, antropologismo, individualismo e empirismo – da teoria clássica (HEINRICH, 2017, p. 310), uma tarefa destinada às futuras intervenções da teoria marxista.

Mas o que efetivamente se observou com o passar dos anos foi um processo de aprofundamento das divergências já existentes. Ao menos duas temáticas presentes a partir da década de 1990 merecem atenção: (i) o debate sobre a relação entre as alegadas ambivalências de Marx e sua relação com o método que teria sido escondido (BACKHAUS; REICHEL, 1995, p. 78), momento em que se destacam as discussões sobre a caracterização da

²⁷ A expectativa de que os manuscritos de 1858 poderiam iluminar os desafios postos pela apresentação da crítica da economia política é amplamente compartilhada – por exemplo, em Reichelt e Postone, ainda que com enormes e significativas diferenças entre ambos. Heinrich rechaça essa possibilidade sobretudo pela alteração metodológica feita pelo próprio Marx, que abandona o conceito de “capital em geral” (*Grundrisse*) após 1863, passando a utilizar o conceito de “capital social total” (*O capital*) (HEINRICH, 2017, p. 185). Nesse contexto, é de especial relevância a análise da literatura que se dedica à problemática do “capital em geral” e sua relação com o plano de 6 livros apresentado nos *Grundrisse* (HOFF, 2009, pp. 253-275).

crítica da economia política como uma análise da “média ideal”²⁸; (ii) a retomada da “exposição dialética” como eixo de problematização a partir do qual ganhou notoriedade a disputa sobre os “limites da forma dialética de apresentação”²⁹, momento em que alguns (RIEDEL, 1997) passam a considerar que o método aplicado por Marx em *O capital* não teria mais qualquer pretensão dialética, ao passo que outros (REICHEL, 2000) rejeitavam essa posição.

Naturalmente, outros temas foram objeto de análise. A publicação em 1987 do até então inédito manuscrito *Complementos e alterações à primeira edição de O capital*, texto de 1871/72 em que Marx faz autocríticas à exposição da forma-valor, desempenhou um papel fundamental não só para a argumentação de Heinrich acerca das ambivalências de Marx, mas sobretudo para a discussão filosófica do conceito de substância (BEHRENS, 1993, p. 173)³⁰. No mesmo período também se inicia o debate entre Heinrich e Wolfgang Fritz Haug sobre a necessidade (ou não) do dinheiro ser mercadoria, além das críticas deste à teoria monetária do valor e sua vinculação à “circulação simples de mercadorias”³¹. Assim, é sintomático que a criação em 1992 da *Marx Gesellschaft* [Sociedade Marx], por iniciativa de Backhaus, Diethard Behrens e Hans-Joachim Blank, estivesse calcada na expectativa de alcançar algum consenso teórico (HOFF, 2009, p. 94). Apesar dos desacordos observados, o trabalho de Nadja Rakowitz – *Produção simples de mercadorias: ideal e ideologia* – é um dos principais frutos desse ambiente. Criticando as

²⁸ Nos *Manuscritos Econômicos de 1864-1865* (o Livro III), Marx delimita sua análise à “organização interna” do modo de produção capitalista, sua “média ideal”, razão pela qual “o movimento efetivo da concorrência está fora dos nossos planos” (MEGA, II. 4.2, p. 853).

²⁹ Tais limites são apresentados por Marx no Urtext (1858) – “a forma dialética de apresentação só é correta se conhece seus limites” (MEGA, II. 2, p. 91) – e serviram como catalisador de novos embates sobre a relação entre método e dialética na crítica da economia política.

³⁰ No manuscrito, Marx caracteriza a compreensão do valor como substância nos termos de uma “objetividade puramente fantástica” (MEGA, II. 6, p. 32), uma “coisa social” (MEGA, II. 6, p. 39).

³¹ Em sua “décima preleção” introdutória sobre *O capital*, Haug chega a dizer, em defesa da perspectiva trans-histórica da teoria do valor, que “nada se altera desde os tempos de Homero, ou desde há milênios antes dos mesmos, ainda que o seu estatuto social, bem como o estatuto das formas que se vão edificando em cima dela, com destaque para a forma do preço, passem por metamorfoses enormes” (HAUG, 2005, p. 152).

interpretações de Backhaus, Reichelt e Postone³² sobre o trabalho abstrato, a autora vale-se dos argumentos desenvolvidos por Marx em *Resultados do processo imediato de produção* para destacar as mudanças – no interior do processo de produção, e não mais no âmbito da circulação – dessa categoria e suas consequências para a crítica da economia política (RAKOWITZ, 2000, p. 105).

Também deve ser mencionada a reflexão de Sven Ellmers sobre teoria das classes sociais. Partindo das reflexões que tiveram início com Backhaus e Reichelt, Ellmers apresenta a distinção entre o “conceito formal-analítico de classe” e o “conceito empírico-sociológico de classe”, além da crítica à reiterada dissolução de um no outro. É a partir dessa problematização que o autor busca expandir o horizonte de pesquisa da NLM, salientando que a operacionalização direta e exclusiva das determinações analíticas da forma “faz tão pouca justiça à complexidade dos sistemas sociais como a sucessiva concretização da crítica da economia num arranjo de investigação empírica faz ao programa científico analítico da forma” (ELLMERS, 2007, p. 35).

Tendo esses desenvolvimentos em mente, pode-se compreender a avaliação de Reichelt, quando este destaca a mudança de foco na NLM: das intenções de reconstrução do método para o estudo da construção da objetividade social. No que se refere à sua própria pesquisa, Reichelt passa a desenvolver uma “teoria da validade” (2008, p. 21), resgatando a importância do conceito

³² Vale aqui um segundo comentário sobre Postone. Heinrich (2018, p. 26, n. 2) e Bonefeld (2014, p. 3) incluem *Tempo, trabalho e dominação social* como um representante da NLM, mas não apresentam critérios para tanto. É verdade que Postone é animado por um ímpeto de reconstrução da crítica marxiana pelos *Grundrisse*. Além disso, suas críticas às interpretações tradicionais do trabalho abstrato bem como a menção às inconsistências presentes no próprio Marx permitem considerar suas reflexões como uma crítica às abordagens substancialistas do valor e, nesse sentido, elas vão ao encontro das análises que caracterizam a NLM. Mas as semelhanças com essas abordagens param por aqui. Por exemplo: a questão da apresentação dialética, o preciso sentido de uma “teoria monetária do valor” e sua relação com os debates sobre a exposição da forma-dinheiro não recebem qualquer atenção especial na exposição de Postone. E o que é ainda mais instigante: mesmo sendo publicado em 1993, isto é, após todos os debates que se desenvolveram a partir da década de 1970, *Tempo, trabalho e dominação social* praticamente não dialoga com seus principais representantes. Se isso fornece indícios das razões pelas quais Arthur considera Postone um autor da “nova dialética” (ARTHUR, 2016, p. 20), Elbe não deixa de problematizar a ausência de referências à literatura anterior: “é fácil dar ao próprio trabalho o ar de sem precedentes, como Postone faz *ad nauseam*, quando, na verdade, ele constantemente se refere a posicionamentos não creditados que já eram conhecidos antes de 1993” (ELBE, 2010, p. 243, n. 433).

de validade [*Geltung*] na primeira edição de *O capital* e relacionando-o com as discussões sobre “abstração real” em Simmel e Sohn-Rethel. Note-se, e isso é particularmente importante, que o desenvolvimento desse programa de pesquisa – que tem na “constituição da objetividade do abstrato” (REICHELT, 2008, pp. 21; 15) seu centro de gravidade – é apresentado como uma espécie de desenvolvimento dos *insights* e insuficiências de Adorno, notadamente a não concretização dos conceitos – como abstração objetiva, inversão, totalidade – que caracterizariam o processo de autonomização da sociedade (REICHELT, 2007, p. 6).

Diante desse “retorno a Adorno”, é sintomático o subtítulo que Bellofiore e Riva escolhem no artigo de ambos sobre a NLM: “colocando a crítica da economia política novamente na crítica da sociedade”. Por isso eles consideram a referida “anamnese da gênese” uma chave de acesso para observar a realidade capitalista a partir de sua fonte: “o trabalho vivo e resultante da exploração de trabalhadores assalariados como suportes vivos de força de trabalho” (BELLOFIORE; RIVA, 2015, p. 34). Não por acaso, recentemente Bellofiore procurou “radicalizar” a teoria monetária do valor a partir da leitura processual das reflexões de Adorno sobre o *ens realissimum* [o ser mais real]³³, argumentando que a “validação *a posteriori*”³⁴ do valor, no mercado, depende de uma “validação *a priori*”, notadamente em virtude do papel desempenhado pelo dinheiro (enquanto crédito) já no processo de produção (BELLOFIORE, 2018, pp. 142-143).

³³ Backhaus é o primeiro a retomar as reflexões de Adorno sobre o *ens realissimum*, tendo como referência “Capitalismo tardio ou sociedade industrial” (GS 8, p. 364). Ainda que o valor só se manifeste no dinheiro, sua “existência” anterior, mesmo lógica, só pode ser pré-monetária, tal como a categoria do “mais-valor”. Segundo Backhaus, esse valor pré-monetário “é o *ens realissimum* no sentido de Adorno, o motor do desenvolvimento dialético” (BACKHAUS, 1997, p. 33). Mas o sociólogo de Frankfurt aborda essa temática em outros ensaios. Para Bellofiore, interessa resgatar – o referido componente processual – uma passagem de “Leitura de Balzac”, em que Adorno dirá: “para ser compreendido, o mundo já não pode ser apenas visto. O realismo literário se tornou obsoleto porque falhou como representação da realidade. Para isso não há melhor testemunho para citar do que Brecht, que depois escorregou para a camisa de força do realismo como se fosse uma máscara de costume. Ele viu que o *ens realissimum* são processos, não fatos imediatos, e que não se deixam retratar” (GS 11, p. 147).

³⁴ Heinrich desenvolve essa compreensão do trabalho abstrato como “norma de validação social” (HEINRICH, 2018, p. 49).

Nesse contexto – a título de última exemplificação –, as reflexões de Bonfeld também merecem uma atenção mais detalhada. Apesar de apontar os aspectos positivos da NLM, em especial a elaboração de um marxismo livre de certezas dogmáticas e concepções naturalistas da sociedade, Bonfeld considera que seu foco crítico foi ofuscado (2014, p. 41). Na ânsia de afastar as leituras instrumentalistas da classe e do trabalho, ela procurou renovar o marxismo crítico sem atentar para essas categorias fundamentais, enfatizando a análise da forma-valor em sua dimensão lógica, como se “o valor fosse uma entidade secularizada válida nela mesma” (2014, p. 42). Se, no entanto, “toda sociedade segue sendo sociedade de classes como nos tempos em que surgiu seu conceito” (GS 8, p. 15), então a NLM permaneceu “apri-sonada ao encanto [*spellbound*] da lógica das coisas” (BONFELD, 2014, p. 95). Contra isso, Bonfeld vale-se da obra adorniana – em especial a reflexão acerca do “não conceitual no conceito” (GS 6, p. 23)³⁵ – como estratégia de revelação da violência escondida na aparência civilizada da socialização moderna. Estas são as premissas que o fazem considerar a acumulação originária e a luta de classes como momentos da conceptualidade do capital (BONFELD, 2014, p. 81) e, portanto, algo não apenas atual – “a acumulação do capital revela a necessidade da acumulação originária em seu próprio conceito” (2014, p. 82) –, mas que efetivamente desnuda o “encanto deslumbrante do mundo do valor” (2014, p. 69): “a lei do valor pressupõe a força do valor dentro do seu conceito de liberdade” (2014, p. 95)³⁶.

³⁵ Em um artigo recente, Bonfeld aprofunda a relação entre a Dialética negativa e a crítica da economia política, algo que o autor capta com a seguinte formulação: “a *dialética negativa* de Adorno da objetividade econômica equivale a uma teoria da classe da forma capitalista da riqueza social e sua produção” (BONFELD, 2016, p. 71).

³⁶ Ainda que selecionando apenas alguns exemplos da literatura, o panorama apresentado sobre a relação entre a NLM e Adorno (e seus novos desenvolvimentos) deveria ser suficiente para receber com especial cautela o chamado “marxismo de circulação” [*Zirkulationsmarxismus*], termo cunhado por Gerhard Hanloser e Karl Reitter para classificar a NLM (HANLOSER; REITTER, 2008), especialmente aquilo que ficou conhecido como “fetichização do fetichismo”, isto é, a compreensão da dominação capitalista por um sujeito automático – o valor –, independente das ações humanas. Nesse contexto, no significativamente intitulado *Karl Marx: filósofo da libertação ou teórico do capital*, organizado por Reitter, outro autor – Georg Klauda – chega a dizer que Adorno seria o “pai do marxismo de circulação” (KLAUDA, 2015, p. 107) e, assim, um dos grandes responsáveis pelo apagamento das classes na reflexão marxista.

5. Considerações finais

Nas páginas anteriores procurei oferecer um mapeamento da NLM, identificando suas premissas e desenvolvimentos. Após situá-la como uma leitura dentre tantas outras, primeiramente apresentei o contexto histórico – a década de 1960 – subjacente às suas primeiras formulações, na Alemanha Ocidental, momento em que destaquei a “economia política proletária” e o “marxismo tradicional” como seus principais adversários teóricos, especialmente no que se refere ao caráter “pré-monetário” da teoria do valor. Na sequência, um *intermezzo* acerca da centralidade de Adorno – com ênfase para as reflexões sobre a autonomização da sociedade e sua conexão com a objetividade social enquanto abstração posta pelo processo de troca – serviu como ponte para a apresentação das características iniciais da NLM. Aqui desempenharam um papel especial as teses de Backhaus e Reichelt acerca da popularização da teoria do valor e a ocultação do método, ambas estabelecendo as bases para a tentativa de reconstrução lógica da crítica da economia política.

Logo após, exemplifiquei as mudanças que estavam por vir na NLM a partir da autocrítica feita por Backhaus ao longo da década de 1970, apesar da consolidação da teoria monetária do valor. Da reconstrução à interpretação – momento em que as “ambiguidades” de Marx passam a ser objeto de discussão –, a filologia gradativamente passa a se distanciar das tentativas de descobrir uma “verdadeira”, “única” e “coerente” apresentação da obra marxiana. Se o ponto alto da abordagem reconstrutiva está em Brentel (1989), na década de 1990 os debates passam a girar em torno da ambivalência categorial, principal contribuição de Heinrich e intimamente associada aos esforços de publicação da MEGA 2. Ainda que existissem expectativas em relação a um possível consenso entre as mais variadas abordagens que surgiam – ressalte-se uma vez mais: este era o objetivo inicial da *Marx Gesellschaft* (1992) –, demonstrei como as divergências não só se mantiveram como foram aprofundadas.

Ainda assim, os desdobramentos da NLM também apontaram para uma retomada do pensamento de Adorno. Com exemplos de Reichelt, Riva, Bellofiore e Bonefeld, forneci os indícios daquilo que poderia constituir um programa de pesquisa que (re)entrelaçasse teoria crítica e crítica da economia política. Por isso mesmo, o mapeamento inicial apresentado pode servir como base de apoio para a recepção das novas discussões³⁷ que dialogam com as temáticas aqui retratadas, e que se mostram cada vez mais importantes para o desenvolvimento da teoria marxista.

³⁷ O já citado Bellofiore chega a propor uma “teoria macro-monetária do valor” como desenvolvimento necessário da NLM, notadamente em função do papel desempenhado pelo dinheiro no processo de produção (BELLOFIORE, 2018, p. 119). Neste contexto, o livro de Frank Engster sobre dinheiro e sua relação com o tempo – por meio da distinção entre “tempo” e “temporalidade”, o autor compreende o dinheiro como unidade temporal pela qual passado e futuro se conectam (ENGSTER, 2014, p. 667) – é seguramente uma das maiores contribuições da NLM nos últimos anos.

Referências

- ADORNO, Theodor W. "Notizen von einem Gespräch zwischen Th. W. Adorno und A. Sohn-Rethel am 16. 4. 1965" in: SOHN-RETHEL, Alfred. *Geistige und körperliche Arbeit*. VCH Verlag, 1989, pp. 221-226.
- _____. "Theodor W. Adorno über Marx und die Grundbegriffe der soziologischen Theorie" in: BACKHAUS, Hans Georg. *Dialektik der Wertform: Untersuchungen zur Marx'schen Ökonomiekritik*. Freiburg: Ça Ira, 1997, pp. 501-513.
- _____. *Einleitung in die Soziologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2003.
- _____. *Gesammelte Schriften*. Band 5. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2021 [GS 5].
- _____. *Gesammelte Schriften*. Band 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2020 [GS 6].
- _____. *Gesammelte Schriften*. Band 8. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2020 [GS 8].
- _____. *Gesammelte Schriften*. Band 11. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2020 [GS 11].
- ARTHUR, Christopher. *A nova dialética e O Capital de Marx*. São Paulo: Edipro, 2016.
- BACKHAUS, Hans-Georg. "Das 'Rätsel' des Geldes: ein Scheinproblem der Ökonomie oder ein Grundproblem der Sozialwissenschaft?", *Hefte für politische Ökonomie*, n. 6, pp. 5-94, 1985.
- _____. "Elementare Mängel in der traditionellen Rezeption der Marx'schen Form-Analyse." *Marxistische Studien. Jahrbuch des IMSF*, v. 13, pp. 402-414, 1987.
- _____. "Between Philosophy and Science: Marxian Social Economy as Critical Theory" in: BONEFELD, W.; GUNN, R.; PSYCHOPEDIS, K. (ed.). *Open Marxism*. Vol. 1. Londres: Pluto Press, 1992, pp. 54-92.
- _____. *Dialektik der Wertform: Untersuchungen zur Marx'schen Ökonomiekritik*. Freiburg: Ça Ira, 1997.
- _____. "Über den Doppelsinn der Begriffe 'politische Ökonomie' und 'Kritik' bei Marx und in der Frankfurter Schule" in: DORNUEF, Stefan; PITSCH, Reinhard (Hrsg.). *Wolfgang Harich zum Gedächtnis*. Band 2. München: Müller und Nerding, 2000, pp. 12-213.
- _____. *Marx, Adorno und die Kritik der Volkswirtschaftslehre*. Freiburg: Ça Ira, 2013.
- _____. "Der widersprüchliche und monströse Kern der nationalökonomischen Begriffsbildung" in: FETSCHER, Iring; ALFRED, Schmidt (Hrsg.). *Emanzipation und Versöhnung. Zu Adornos Kritik der 'Warentausch'-Gesellschaft und Perspektiven der transformation*. Frankfurt: Neue Kritik Verlag, 2022, pp. 111-141.
- BACKHAUS, Hans-Georg; REICHELT, Helmut. "Wie ist der Wertbegriff in der Ökonomie zu konzipieren? Zu Michael Heinrich 'Die Wissenschaft der Wert'" in: *Beiträge zur Marx-Engels Forschung*, pp. 60-94, 1995.
- BHANDAR, Brenna; TOSCANO, Alberto. "Race, real estate and real abstraction", *Radical Philosophy*, n. 194, pp. 8-17, nov./dez. 2015.
- BEHRENS, Diethard (Hg.). *Gesellschaft und Erkenntnis*. Freiburg: Ça Ira, 1993.
- BELLOFIORE, Riccardo. *Le avventure della socializzazione. Dalla teoria monetaria del valore alla teoria macro-monetaria della produzione capitalistica*. Milão: Mimesis Edizioni, 2018.
- BELLOFIORE, Riccardo; RIVA, Tommaso Redolfi. "The Neue Marx-Lektüre: Putting the critique of political economy back into the critique of society", *Radical Philosophy*, n. 189, pp. 24-36, jan./fev., 2015.
- BIDET, Jacques. *Explicação e reconstrução do Capital*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- BLAKELEY, Grace. *The Corona Crash: How the Pandemic Will Change Capitalism*. Nova York: Verso, 2020.

BONEFELD, Werner. *Critical Theory and the Critique of Political Economy*. Nova York/Londres: Bloomsbury, 2014.

_____. "Negative dialectics and the critique of economic objectivity". *History of the Human Science*, v. 29, n. 2, pp. 60-76, 2016.

BRAUNSTEIN, Dirk. *Adornos Kritik der Politischen Ökonomie*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2016.

BRENTEL, Helmut. *Soziale Form und ökonomisches Objekt: Studien zum Gegenstands- und Methodenverständnis der Kritik der politischen Ökonomie*. Frankfurt am Main: Westdeutscher Verlag, 1989.

ELBE, Ingo. *Marx im Westen: die neue Marx-Lektüre in der Bundesrepublik seit 1965*. Berlin: Akademie Verlag, 2010.

_____. "Helmut Reichelt and the New Reading of Marx", in: BEST, Beverley; BONEFELD, Werner; O'KANE, Chris. *The SAGE Handbook of Frankfurt School Critical Theory*. Los Angeles; Londres; Nova Delhi; Singapore; Washington DC; Melbourne: SAGE Publications, 2018, pp. 367-385.

ELLMERS, Sven. *Die formanalytische Klassentheorie von Karl Marx Ein Beitrag zur "neuen Marx-Lektüre"*. Duisburg: Universitätsverlag Rhein-Ruhr, 2007.

ENDNOTES. "The Logic of Gender: On the Separation of Spheres and the Process of Abjection" in: *Endnotes. Gender, Race, Class and other Misfortunes*, 2013. Disponível em <https://endnotes.org.uk/issues/3/en/endnotes-the-logic-of-gender>. Acesso em 11/01/22).

ENGSTER, Frank. *Das Geld als Maß, Mittel und Methode: Das Rechnen mit der Identität der Zeit*. Berlin: Neofilis Verlag, 2014.

FAUSTO, Ruy. *Sentido da dialética: (Marx: Lógica e Política): tomo I*. Petrópolis: Vozes, 2015.

GÖHLER, Gerhard. *Die Reduktion der Dialektik durch Marx. Strukturveränderungen der dialektischen Entwicklung in der Kritik der politischen Ökonomie*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1980.

HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns: Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*. Band I. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

HANLOSER, Gerhard; RIETTER, Karl. *Der bewegte Marx: Eine einführende Kritik des Zirkulationsmarxismus*. Münster: UNRAST, 2008.

HAUG, Wolfgang Fritz. *Vorlesungen zur Einführung ins "Kapital"*. Berlin: Argument, 2005.

HEINRICH, Michael. "Os invasores de Marx: sobre os usos da teoria marxista e as dificuldades de uma leitura contemporânea", *Crítica Marxista*, n. 38, pp. 29-39, Campinas, 2014.

_____. *Die Wissenschaft vom Wert: Die Marxsche Kritik der politischen Ökonomie zwischen wissenschaftlicher Revolution und klassischer Tradition*. Münster: Westfälisches Dampfboot, 2017.

_____. *Kritik der politischen Ökonomie. Eine Einführung in "Das Kapital"*. Stuttgart: Schmetterling Verlag, 2018.

_____. "Os labirintos de Marx. Entrevista com Michael Heinrich", *Crítica Marxista*, n. 50, pp. 275-287, Campinas, 2020.

HOFF, Jan. *Marx global. Zur Entwicklung des internationalen Marx-Diskurses seit 1965*. Berlin: Akademie Verlag, 2009.

KANGAL, Kann. *Friedrich Engels and the "Dialectics of Nature"*. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2020.

KIRCHHOFF, Christine; PAHL, Hanno; ENGEMANN, Christoph; HECKEL, Judith; MEYER, Lars (Hrsg). *Gesellschaft als Verkehrung. Perspektiven einer neuen Marx-Lektüre. Festschrift für Helmut Reichelt*. Freiburg: Ça Ira, 2004.

- KLAUDA, Georg. "Von der Arbeiterbewegung zur Kritischen Theorie. Zur Urgeschichte des Marxismus ohne Klassen" in: REITTER, Karl (Hrsg.). *Karl Marx. Philosoph der Befreiung oder Theoretiker des Kapitals – zur Kritik der "neuen Marx-Lektüre"*. Wien: mandelbaum kritik & utopie, 2015, pp. 86-118.
- KUCZYNSKI, Thomas (Hg.). *Karl Marx. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Ester Band. Buch I: Der Produktionsprozess des Kapitals*. Hamburg: VSA Verlag, 2017.
- KURZ, Robert. *Geld ohne Wert: Grundrisse zu einer Transformation der Kritik der politischen Ökonomie*. Berlin: Holermann Verlag, 2012.
- LOTZ, Christian. *The Capitalist Schema. Time, Money and the Culture of Abstraction*. Lanham/Boulder/ Nova York/Londres: Lexington Books, 2014.
- MARX, Karl. MARX, Karl. *Ökonomische Manuskripte und Schriften 1858-1861* in: K. Marx and F. Engels, Gesamtausgabe (MEGA), Zweite Abteilung, Band 2, Berlin: Dietz Verlag, 1980 [MEGA, II. 2].
- _____. *Das Kapital. Erster Band (1867)* in: K. Marx and F. Engels, Gesamtausgabe (MEGA), Zweite Abteilung, Band 5, Berlin: Dietz Verlag, 1983 [MEGA, II. 5].
- _____. *Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie. Ester Band (Hamburg 1872)* in: K. Marx and F. Engels, Gesamtausgabe (MEGA), Zweite Abteilung, Band 6, Berlin: Dietz Verlag, 1987 [MEGA, II. 6].
- _____. *Ökonomische Manuskripte 1863-1867* in: K. Marx and F. Engels, Gesamtausgabe (MEGA), Zweite Abteilung, Band 4, Teil 2, Berlin: Dietz Verlag, 1992 [MEGA, II. 4.2].
- MARX, K.; ENGELS, F. *Werke*. Band 25. Berlin: Dietz Verlag, 1964 [MEW 25].
- _____. *Werke*. Band 29. Berlin: Dietz Verlag, 1978 [MEW 29].
- _____. *Werke*. Band 30. Berlin: Dietz Verlag, 1974 [MEW 30].
- O'KANE, Chris. "The Critique of Real Abstraction: From the Critical Theory of Society to the Critique of Political Economy and Back Again" in: OLIVA, Antonio; OLIVA, Ángel; NOVARA, Iván (ed.). *Marx and Contemporary Critical Theory. The Philosophy of Real Abstraction*. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2020, pp. 265-288.
- POSTONE, Moishe. *Tempo, trabalho e dominação social: uma reinterpretação da teoria crítica de Marx*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RAKOWITZ, Nadja. *Einfache Warenproduktion*. Freiburg: Ça Ira –Verlag, 2000.
- REICHEL, Helmut. *Zur logischen Struktur des Kapitalbegriffs bei Karl Marx*. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1970.
- _____. "Grenzen der dialektischen Darstellungsform – oder Verabschiedung der Dialektik? Einige Anmerkungen zur These von Dieter Riedel" in: MEGA-Studien, H. 1, pp. 100-126, 2000.
- _____. "Marx's Critique of Economic Categories: Reflections on the Problem of Validity in the Dialectical Method of Presentation in Capital", *Historical Materialism*, n. 15, pp. 3-52, 2007.
- _____. *Neue Marx-Lektüre. Zur Kritik sozialwissenschaftlicher Logik*. Hamburg: VSA-Verlag, 2008.
- REITTER, Karl (Hrsg.). *Karl Marx. Philosoph der Befreiung oder Theoretiker des Kapitals – zur Kritik der "neuen Marx-Lektüre"*. Wien: mandelbaum kritik & utopie, 2015.
- RIEDEL, Dieter. "Grenzen der dialektischen Darstellungsform" in: MEGA-Studien, H. 1, pp. 3-40, 1997.
- ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.
- SOHN-RETHEL. *Geistige und körperlich Arbeit: Zur Epistemologie der abendländischen Geschichte*. Weinheim: VCH, Acta Humaniora, 1989.
- SOTIROPOULOS, D.; MILIOS, J.; LAPATSIORAS, S. *A Political Economy of Contemporary Capitalism and its Crisis: Demystifying Finance*. Londres, Nova York: Routledge, 2013.

TOSCANO, Alberto. "The Open Secret of Real Abstraction", *Rethinking Marxism*, v. 20, n. 2, pp. 273-287, 2008.

VOLLGRAF, Carl-Erich. "Marx's Further Work on Capital after Publishing Volume I: On the Completion of Part II of the MEGA2" in: VAN DER LINDEN, M.; HUBMANN, G. (ed.). *Marx's Capital: An Unfinishable Project?* Leiden/Boston: Brill, 2018, pp. 56-79.

WOLF, Dieter. *Der dialektische Widerspruch im 'Kapital': ein Beitrag zur Marx'schen Werttheorie.* Hamburg: VSA Verlag, 2002.

_____. Hegel und Marx. Zur Bewegungsstruktur des absoluten Geistes und des Kapitals. Hamburg: VSA Verlag, 1979.